

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

O CÃO DOS BASKERVILLE

TRADUÇÃO
MONIQUE D'ORAZIO



Principis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D784c

Doyle, Arthur Conan, 1859-1930

O cão dos Baskerville / Arthur Conan Doyle ; tradução Monique
D'Orazio. - 1.ed. - Barueri [SP] : Ciranda Cultural, 2019.
224 p. (Sherlock Holmes)

Tradução de: The hound of the Baskervilles
ISBN 978-85-94318-01-5

1. Romance inglês. I. D'Orazio, Monique. II. Título. III. Série.

18-48590

CDD: 821

CDU: 821.111-3

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção editorial e projeto gráfico: Ciranda Cultural

Tradução: Monique D'Orazio

Diagramação: Project Nine Editorial

Revisão: Project Nine Editorial e Edson Nakashima

1ª edição revista em 2020.

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

O SR. SHERLOCK HOLMES	7
A MALDIÇÃO DOS BASKERVILLE	16
O PROBLEMA	30
<i>SIR</i> HENRY BASKERVILLE	42
TRÊS FIOS PARTIDOS	58
BASKERVILLE HALL	72
OS STAPLETON DE MERRIPIT HOUSE	85
PRIMEIRO RELATÓRIO DO DR. WATSON	103
SEGUNDO RELATÓRIO DO DR. WATSON	113
EXCERTO DO DIÁRIO DO DR. WATSON	135
O HOMEM NO PENEDO	148
MORTE NA CHARNECA	165
PREPARANDO AS REDES	181
O CÃO DOS BASKERVILLE	196
UMA RETROSPECTIVA	211

Capítulo 1

• O SR. SHERLOCK HOLMES •

Dsr. Sherlock Holmes, que geralmente se levantava muito tarde pelas manhãs, salvo nessas não raras vezes em que ficava acordado a noite toda, estava sentado à mesa do café. Pisei sobre o tapete da lareira e peguei a bengala que nosso visitante tinha deixado para trás na noite anterior. Era um bom e grosso pedaço de madeira, bulbosa, do tipo que é conhecido como “Advogado de Penang”. Logo abaixo do punho havia uma faixa larga de prata de mais de dois centímetros de espessura. Os dizeres “Para James Mortimer, M.R.C.S.,¹ de seus amigos do C.C.H.” estavam gravados no objeto, com a data “1884”. Era uma bengala do tipo que os antigos médicos de família costumavam carregar: digna, sólida e segura.

– Bem, Watson, o que tem a dizer sobre ela?

Holmes estava sentado de costas para mim, e eu não lhe tinha dado nenhum sinal da minha ocupação.

– Como sabia o que eu estava fazendo? Acho que você tem olhos atrás da cabeça.

1 Membro do Colégio Real de Cirurgiões. (N. T.)

– Eu tenho, pelo menos, um bule de café prateado e bem polido diante de mim – avisou ele. – Mas, diga-me, Watson, o que você tem a dizer sobre a bengala do nosso visitante? Já que fomos infelizes a ponto de não o termos visto e de não termos noção de qual era a sua missão, este *souvenir* acidental torna-se digno de importância. Deixe-me ouvi-lo reconstruir o homem por meio de um exame da bengala.

– Acho – comecei, seguindo o máximo que podia os métodos do meu companheiro – que o dr. Mortimer é um homem idoso, praticante de medicina, bem estimado, pois aqueles que o conhecem lhe dão este tipo de provas de agradecimento.

– Bom! – disse Holmes. – Excelente!

– Acho também que as probabilidades estão a favor de ele ser um médico da zona rural, que faz boa arte de suas visitas a pé.

– Por que diz isso?

– Porque esta bengala, embora originalmente muito bonita, foi tão malhada que eu nem consigo imaginar um médico da cidade carregando um objeto desses. O casquilho de ferro grosso está desgastado; logo, é evidente que o sujeito andou bastante com esta bengala.

– Perfeitamente impecável! – congratulou Holmes.

– E, por outro lado, há os “amigos do C.C.H.”. Eu supenho que isso seja “alguma coisa” Hunt, o clube de caça local a cujos membros ele possivelmente prestou alguma assistência cirúrgica, e que lhe prestaram uma pequena homenagem em retribuição.

– Realmente, Watson, você se supera – comentou Holmes, empurrando sua cadeira para trás e acendendo um cigarro. – Sou obrigado a afirmar que, de todas as contribuições que

fez a gentileza de oferecer às minhas pequenas conquistas, você habitualmente subestima suas próprias habilidades. Pode ser que você mesmo não seja iluminado, mas é um condutor de luz. Algumas pessoas, mesmo sem possuir genialidade, têm o notável poder de a estimular. Confesso, meu caro amigo, que lhe sou muito grato.

Holmes nunca dissera isso antes, e devo admitir que suas palavras me deram um prazer mordaz, pois muitas vezes me senti perturbado por sua indiferença à minha admiração e às minhas tentativas de dar publicidade aos seus métodos. Também senti orgulho de pensar que eu, por fim, dominava seu método a ponto de aplicá-lo de um modo que lhe ganhasse a aprovação. Naquele momento, ele tirou a bengala das minhas mãos e a examinou por alguns segundos a olhos nus. Depois, com uma expressão de interesse, pousou o cigarro e, carregando a bengala para a janela, observou-a mais uma vez com uma lente convexa.

– Interessante, embora elementar – disse ele, ao voltar para seu canto preferido do canapé. – Há certamente um ou dois indicadores na bengala. O que nos dá base para várias deduções.

– Alguma coisa me escapou? – perguntei com ares de importância. – Ponho fé que não ignorei nada de importância, sim?

– Receio, meu caro Watson, que a maioria de suas conclusões tenha sido errônea. Quando mencionei que você me animava, quis dizer, para ser franco, que, percebendo seus enganos, acabei sendo levado, ao acaso, à direção da verdade. Não que você esteja errado por completo neste caso. O homem certamente é um médico do interior. E caminha bastante.

– Então eu estava certo.

– Só até aí.

– Mas isso foi tudo.

– Não, não, meu caro Watson, não tudo. De maneira alguma isso é tudo. Gostaria de sugerir, por exemplo, que é mais provável o médico receber uma homenagem do hospital do que de um clube de caça, e que quando as iniciais “C.C.” são colocadas antes da palavra “hospital”, as palavras “Charing Cross” se sugerem sozinhas naturalmente.

– Você pode estar certo.

– A probabilidade está nessa direção. E se tomarmos isso como uma hipótese de trabalho, temos uma base nova sobre a qual começar a construir esse visitante desconhecido.

– Bem, então, supondo que “C.C.H.” signifique “Charing Cross Hospital”, quais outras inferências podemos extrair?

– Nenhuma se sugere? Você conhece meus métodos. Aplique-os!

– Só consigo pensar na conclusão óbvia de que o homem exerceu medicina na cidade antes de ir para o campo.

– Acho que podemos nos aventurar um pouco mais longe do que isso. Observe com esta luz. Em que ocasião seria mais provável que tal homenagem fosse feita? Quando os amigos dele se uniriam para lhe prestar uma homenagem por sua bondade? Obviamente, no momento em que o dr. Mortimer se retirasse do serviço do hospital para iniciar a prática independente da medicina. Sabemos que houve uma homenagem. Acreditamos que houve uma mudança de um hospital da cidade para a atividade no campo. Portanto, é esticar demais nossa inferência dizer que a homenagem ocorreu no momento dessa mudança?

– Certamente parece provável.

– Agora, você irá observar que ele poderia não ter feito parte da equipe do hospital, já que somente um homem bem estabelecido na prática em Londres poderia ocupar uma posição desse vulto, e essa pessoa não iria embora para o interior. Então o que ele era? Se estava no hospital, mas não na equipe, só poderia ter sido um cirurgião residente ou um médico-residente, um pouco mais do que um estudante sênior. E partiu há cinco anos: a data está na bengala. Portanto, seu médico de família austero e de meia-idade desvanece no ar, meu caro Watson, e emerge daí um jovem de menos de trinta anos, amigável, sem ambição, distraído e dono de um cão favorito, que eu deveria descrever mais ou menos como sendo maior do que um *terrier* e menor do que um mastim.

Ri, incrédulo, quando Sherlock Holmes se recostou em seu sofá e soprou pequenos anéis de fumaça bruxuleantes até o teto.

– Quanto à última parte, não há meios de contradizê-lo – disse eu –, mas pelo menos não é difícil descobrir algumas indicações sobre a idade e a carreira profissional. – De minha pequena estante de medicina, peguei o diretório médico e encontrei o nome. Havia vários Mortimer, mas apenas um poderia ser nosso visitante. Li a ficha em voz alta:

“Mortimer, James, M.R.C.S., 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião residente, de 1882 a 1884, no Charing Cross Hospital. Vencedor do prêmio Jackson de Patologia Comparada, com o ensaio intitulado ‘A doença é uma reversão?’. Membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia. Autor de ‘Algumas aberrações de

atavismo' (*Lancet*, 1882). 'Nós progredimos?' (*Jornal de Psicologia*, março de 1883). Médico das comunidades de Grimpen, Thorsley e High Barrow".

– Nenhuma menção a esse grupo de caça local, Watson – concluiu Holmes, com um sorriso travesso –, mas um médico de interior, como você observou muito astutamente. Acho que minhas inferências foram suficientemente justificadas. Quanto aos adjetivos, eu disse, se me lembro bem, “amigável, sem ambição e distraído”. De acordo com a minha experiência, neste mundo, apenas um homem amável recebe homenagens, apenas uma pessoa sem ambição abandona uma carreira em Londres em troca do campo e só alguém distraído deixaria a bengala e não um cartão de visita depois de esperar uma hora na sala de alguém.

– E o cão?

– Tem apresentado o hábito de carregar esta bengala atrás de seu mestre. Sendo uma bengala pesada, o cão a segurou firmemente pelo meio, e as marcas de dentes são claramente visíveis. A mandíbula do animal, como mostrado no espaço entre estas marcas, é ampla demais, na minha opinião, para um *terrier*, e não é larga o suficiente para um mastim. Pode ter sido... por Deus, é um *spaniel* encaracolado.

Ele havia se levantado e caminhado de um lado para o outro pela sala enquanto falava. Agora estava no nicho da janela. Havia tamanho tom de convicção em sua voz que eu ergui os olhos para ele, surpreso.

– Meu caro colega, como é possível que tenha tanta certeza?

– Pela simples razão de que vejo o próprio cão em nossa porta, e há o anel do dono. Não se mexa, Watson, eu imploro.

Ele é um irmão seu de profissão, e sua presença pode ser útil para mim. Agora é aquele momento dramático do destino, Watson, em que se ouve um passo sobre a escada, prestes a entrar em nossa vida, mas não se sabe se é para o bem ou para o mal. O que o dr. James Mortimer, o homem da ciência, deseja de Sherlock Holmes, o especialista em crime? Pode entrar!

A aparência do nosso visitante foi uma surpresa para mim, já que eu esperava um médico típico de interior. Era um homem muito alto, magro, com um nariz comprido que parecia um bico projetado para fora, entre dois olhos ansiosos e cinzentos, muito juntos um do outro e reluzentes atrás de um par de óculos de armação dourada. Ele estava paramentado de uma forma profissional, mas um pouco desleixada, pois a sobrecasaca estava suja e as calças, desgastadas. Embora jovem, suas costas longas já estavam curvadas, e ele caminhava com um impulso para a frente da cabeça e um ar geral de benevolência aristocrática. Assim que entrou, seus olhos recaíram sobre a bengala na mão de Holmes, e ele correu em direção a ela com uma exclamação de alegria.

– Estou muitíssimo contente – disse. – Não tinha certeza se a havia deixado aqui ou no Escritório de Expedição. Eu não perderia essa bengala por nada no mundo.

– Um presente, eu vejo – supôs Holmes.

– Sim, senhor.

– Do Charing Cross Hospital?

– De um ou dois amigos de lá, por ocasião do meu casamento.

– Minha nossa, minha nossa, isso é ruim! – revelou Holmes, balançando a cabeça.

O dr. Mortimer piscou através de seus óculos, com leve espanto.

– Por que foi ruim?

– Apenas porque o senhor revirou nossas pequenas deduções. Seu casamento, foi o que disse?

– Sim, senhor. Eu me casei e depois deixei o hospital, e com toda a esperança de um consultório próprio. Era necessário ter minha própria casa.

– Ora, ora, não estamos tão errados assim, afinal – ponderou Holmes. – E agora, dr. James Mortimer...

– “Senhor”, chame-me de “senhor”, um humilde Membro do Colégio Real de Cirurgiões.

– E um homem de mente precisa, evidentemente.

– Um amador da ciência, sr. Holmes, um catador de conchas nas margens do grande oceano desconhecido. Presumo que seja o sr. Sherlock Holmes a quem estou me dirigindo, e não...

– Não, este é o meu amigo, dr. Watson.

– É um prazer conhecê-lo. Ouvi seu nome mencionado em conexão ao de seu amigo. O senhor me interessa muito, sr. Holmes. Eu não esperava um crânio tão dolicocefalo ou um desenvolvimento supraorbital tão marcante. Teria alguma objeção a eu passar o dedo ao longo da sua fissura parietal? Um molde de gesso do seu crânio, senhor, até que o original esteja disponível, seria um ornamento para qualquer museu antropológico. Não é minha intenção ser exagerado, mas confesso que eu cobiço o seu crânio.

Sherlock Holmes fez um aceno para que nosso estranho visitante tomasse assento.

– O senhor é um entusiasta na sua linha de pensamento, eu percebo, como eu sou na minha – comentou Holmes. – Observo pelo seu dedo indicador que o senhor faz os próprios cigarros. Não hesite em acender um.

O homem tirou do bolso papel e tabaco e enrolou um ao redor do outro com uma destreza surpreendente. Tinha dedos longos e trêmulos, tão ágeis e inquietos quanto as antenas de um inseto.

Holmes estava em silêncio, mas seus pequenos olhares certeiros me mostravam o interesse com que ele observava nosso curioso companheiro.

– Eu presumo, senhor – meu amigo disse por fim –, que examinar minha cabeça não era a única finalidade que o fez me honrar com sua visita ontem à noite e hoje de novo.

– Não, senhor, não; apesar de ficar feliz por ter tido a oportunidade de fazer isso também. Eu o procurei, sr. Holmes, porque reconheci que sou um homem pouco prático e que, de repente, estou sendo confrontado com um problema muito sério e extraordinário. Reconhecendo, como reconheço, que o senhor é o segundo maior especialista na Europa...

– De fato, senhor! Posso perguntar quem tem a honra de ser o primeiro? – indagou Holmes com alguma aspereza.

– Para o homem de mente precisamente científica, o trabalho de monsieur Bertillon deve sempre ter forte apelo.

– Então não teria sido melhor consultá-lo?

– Eu disse, senhor, para um homem de mente precisamente científica. Apesar disso, como homem de modos práticos, sabe-se que o senhor está sozinho. Espero que eu não tenha inadvertidamente...

– Apenas um pouco – respondeu Holmes. – Acho que sim, dr. Mortimer, o senhor agiria com mais sabedoria se, sem mais delongas, fizesse a gentileza de me dizer sem meias palavras a natureza exata do problema que necessita de minha ajuda.